

# Entre o masoquismo e a melancolia: sob o domínio do superego sádico incorporado\*

Adriana Salvitti\*\*, São Paulo

*O artigo discute de um ponto de vista teórico e clínico as falhas na constituição das funções intersubjetivas e a presença do superego primitivo sádico, tendo como pano de fundo a dimensão traumática da experiência com o objeto primário e o sofrimento narcísico-identitário (Roussillon, 2011). Enfoca a angústia de perda e destruição do objeto por meio de fantasias canibalistas (Fédida, 1999) e a submissão masoquista ao superego primitivo; aponta como o despertar de emoções em relação ao objeto primário gera um ódio intenso e não representado, direcionado à ligação com esse objeto (Bion, 1959); discute a rivalidade em relação ao método analítico (Bion, 1965), bem como a instauração de concordâncias destinadas a evitarem o surgimento de incompreensões malignas e a experiência de caos (Britton, 2003, 2004). Por fim, o artigo ilustra como se dão as tentativas, ainda que limitadas, de o sujeito se emancipar da tirania do superego e destituir o poder de seus aspectos destrutivos.*

*Palavras-chave: superego primitivo, narcisismo, incompreensão maligna, masoquismo, fantasias canibalistas.*

---

\* Originalmente publicado na coletânea *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*, organizado por Figueiredo, L. C., Saviotto, B. B., Souza, O. São Paulo: Escuta, 2013. Agradeço as sugestões de Luís Claudio Figueiredo e Teresa Rocha Leite Haudenschild. Este trabalho contou com o apoio da Fapesp.

\*\* Pós-doutoranda no Instituto de Psicologia da USP. Membro filiado da SBPSP.

## Panorama teórico

No texto *Intersubjetividade e mundo interno: o lugar do campo superegoico na teoria e na clínica*, Figueiredo (2009) retomou a necessidade explicitada por André Green de se articularem o plano intrapsíquico da metapsicologia e o plano intersubjetivo das relações de objeto. Sobretudo a partir das colocações de M. Klein sobre a constituição do mundo interno, Figueiredo distinguiu o superego como a *representância primordial* das relações intersubjetivas na esfera intrapsíquica. Esse enfoque procurou dar conta de questões desse autor relativas ao papel do cuidar e da intersubjetividade, considerando a psicanálise atual e suas indagações sobre analisabilidade e possibilidades de transformação do mundo interno. Realizando uma reflexão teórico-clínica a partir de autores como Freud, Strachey, Balint, M. Klein, entre outros, Figueiredo conclui seu trabalho com a seguinte sugestão:

[...] de todas as instâncias do modelo estrutural (segunda tópica), apenas o mundo interno dos objetos superegoicos é diretamente acessível às interferências intersubjetivas, tanto porque é intrinsecamente intersubjetivo como, ao externalizar-se nas transferências, confere poderes intrapsíquicos ao objeto externo (Figueiredo, 2009, p. 216).

Partindo dessas colocações, discutimos, através de diferentes referenciais teóricos (principalmente Bion, Britton, Fédida, Roussillon) e de uma ilustração clínica, certas dificuldades na assimilação e elaboração das funções intersubjetivas pelo ego e o caráter assediante do superego primitivo sobre a subjetividade. Considerando a dimensão traumática da experiência com o objeto primário e o sofrimento narcísico-identitário (Roussillon, 1991, 2011), mostramos o que poderia significar um movimento de emancipação do ego, bem como de destituição do poder do superego primitivo (Britton, 2004)<sup>1</sup>.

Especialmente a partir das contribuições de Bion (1958, 1959) sobre a dimensão comunicativa da identificação projetiva e da necessidade de configurar qual o papel do analista no trato com as comunicações primitivas, foi possível compreender como as experiências emocionais do paciente com o objeto primário seriam ou não subjetivadas, facilitando ou impedindo o desenvolvimento psíquico.

Conforme bem observou Bion (1959) em relação aos seus pacientes que

---

<sup>1</sup> Concordamos com a afirmação de Figueiredo (2009) de que a articulação de ideias oriundas de diferentes tradições na psicanálise contribui para a expansão do pensamento e da pesquisa, desde que não esteja apoiada no ecletismo e na falta de rigor.

estavam radicalmente impossibilitados de pensar e sonhar as experiências emocionais, as funções intersubjetivas exercidas pelos objetos primários que não puderam ser assimiladas constituem um objeto delinquente e aterrorizante, descrito pelo autor como exercendo a função de um superego severo e destruidor do ego. O interesse de Bion pelo estado fragmentado do ego e pelo destino de suas funções faz ver que a capacidade de julgar e discriminar os dados da realidade interna e externa, a memória, o pensamento, bem como a consciência ficam subordinadas ao superego primitivo e a esse objeto destrutivo. Compreendemos que, no estado de não assimilação, as funções intersubjetivas pairam sobre o sujeito qual assombração, com vozes que maltratam, perseguem, criticam impiedosamente, assustam e seduzem. O sujeito é, assim, açodado por verdades absolutas a respeito de si e dos outros, uma vez que estas não foram elaboradas simbolicamente através de um casal parental bom, capaz de mediar e modular as exigências pulsionais e o impacto dos estímulos externos sobre a subjetividade. No lugar desse casal, notamos a figura fantasmática do par combinado e unido de modo violento, voltado à destruição do eu.

Bion (1962b) apontou que, nesse estado de mente, as comunicações verbais, o comportamento, as ideias possuem uma natureza concreta ou sensorial ao invés de metafórica. De um lado, a realidade psíquica é tratada como substância material e é experimentada qual um objeto inanimado; de outro, a realidade externa perde a sua objetividade, sendo inundada pelas fantasias e ansiedades inconscientes.

Assim como Bion, analistas de diferentes tradições notaram que, em pacientes graves, essa dimensão concreta e não verbal da experiência também implica uma forma primitiva de pensamento e de relação emocional com o mundo interno e externo (por exemplo, Searles, 1962; atualmente, a partir de Winnicott, mas também de Bion, Roussillon, 1991, 2009, 2011). Segundo Searles, a percepção de qualquer emoção, seja ela agradável ou aterrorizante em relação ao objeto, “é pai do pensamento metafórico e, talvez igualmente, de todas as formas de pensamento simbólico” (Searles, 1962, p. 572). Porém, sob o domínio de um objeto superegoico sádico e destruidor de ego, o surgimento de emoções acaba gerando um ódio sem precedentes. Como diz Bion (1959), o paciente sente que a emoção “liga objetos e confere realidade a objetos que não são o *self* e, portanto, são inimigos do narcisismo primário”<sup>2</sup> (p. 108)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Tradução livre do autor.

<sup>3</sup> No livro *Estudos psicanalíticos revisados* (Bion, 1994), a tradução para o português deste trecho está incorreta. Nela, lemos que a emoção seria avessa ao narcisismo primário. Já no original em inglês, lemos que os inimigos do narcisismo primário são os objetos ligados pela emoção: “(emotion) is felt to link objects and it gives reality to objects which are not self and therefore inimical to primary narcissism” (Bion, 1959, p.108).

Partindo de Freud e acompanhando o desenvolvimento dessas ideias na psicanálise inglesa, o psicanalista francês René Roussillon (2011) assinala que as expressões primitivas sensoriais e concretas da experiência ganham um caráter comunicativo e aberto à dimensão simbólica, desde que exista um objeto capaz de dar significado simbólico a essas expressões. Do contrário, as experiências com o objeto primário que não puderam ser elaboradas são armazenadas no corpo ou na sensorialidade, retornando na forma de alucinações, de sensações físicas, ou de imagens aterrorizantes.

Ao explorar o papel do objeto primário no psiquismo e na relação analítica a partir de seus pacientes psicóticos, Bion (1962b) descreve como a falha ou a ausência desse objeto não é sentida ou elaborada como uma falta e sim como a presença de um objeto hostil que compreende mal e que atende as necessidades do *self* de modo distorcido. Esse objeto superegoico hipermoralizante ao qual nos referimos acima deturpa o sentido das experiências, mas, a nosso ver, é igualmente superprotetor e detentor da verdade final sobre o eu, as coisas e os outros. Conforme as colocações de Roussillon (2004), essa forma absolutista e concreta da verdade teria uma *função de sutura*, destinada a substituir a simbolização do objeto faltante. Nos estados narcísico-identitários, diz, a perda dessa função de sutura “não leva à vivência de uma falta gerativa de angústia-sinal e de trabalho de simbolização, mas à forma *degenerativa* da angústia primária, no impasse de um mundo sem saída” (Roussillon, 2004, p. 21, grifo do autor). É justamente a tentativa de interromper o retorno das experiências traumáticas e cindidas com o objeto primário que caracteriza as patologias narcísico-identitárias.

O masoquismo, segundo Roussillon (2011), seria uma forma de ligação intrapsíquica e intersubjetiva, também destinada a neutralizar e a controlar o retorno de experiências traumáticas que não foram representadas ou simbolizadas. Para o autor, é melhor um contrato alienante com qualquer objeto do que se deparar com o estado de agonia e o *terror sem nome*, conforme termo de Bion (1962a).

Ainda na França, o trabalho de Pierre Fédida sobre a depressão e, em especial, sobre o luto melancólico, trouxe contribuições importantes para o entendimento da relação primitiva do sujeito com o objeto faltante. Segundo Fédida (1999), os estudos de Freud sobre a melancolia parecem “subestimar a parte devida à angústia nessa identificação do eu ao objeto, ao qual ele estava ligado pela ameaça de que ele seja para sempre perdido” (p. 66). Discorrendo sobre a relação com o objeto primário, Fédida coloca a ênfase na angústia existente na incorporação canibalista do mesmo. Assim, diz, o canibalismo “compreende essa agressividade presente na própria angústia de perder o objeto de amor e de aniquilá-lo em lugar

de a ele renunciar destacando-se dele” (*Ibid.*, p. 66). Mais do que uma tentativa de resolver simbolicamente a perda, a fantasia canibal, segundo Fédida, nega a perda, as falhas e a separação do objeto, ao mesmo tempo que acarreta a ameaça de que ele esteja para sempre pedido, porque devorado. A incorporação trata de transgredir a falta do objeto mantendo-o presente e, paradoxalmente, vivo, ainda que, a nosso ver, seja configurado um objeto despedaçado, cruel e aterrorizante.

Entre os psicanalistas ingleses contemporâneos, encontramos no livro de Ronald Britton (2004), *Sex, death and the superego*, outras aproximações possíveis entre o predomínio do superego primitivo na constituição psíquica e suas relações com o ego. Realizando uma leitura klein-bioniana das concepções de Freud sobre o superego, o ideal de ego e o ego ideal, Britton considera que a auto-observação e o julgamento seriam funções do ego que competem com a observação e o julgamento moralizante do superego severo. Se, com a análise, o ego pode tentar se emancipar das críticas do superego primitivo, em se tratando de um objeto superegoico severo e destruidor de ego a tarefa da análise seria ajudar o paciente a “destituir do assento da consciência o objeto interno hostil e estrangeiro”<sup>4</sup> (Britton, 2004, p. 104). No primeiro caso, temos um ego que reivindica a capacidade de formar julgamentos, sem permanecer submetido à crueldade e à tirania superegoica. No segundo, a inveja e os aspectos mortíferos do superego são mais proeminentes e contrários à criatividade e à vida.

Seguindo as ideias de Bion, Britton considera que as falhas do objeto em conter e modular os estímulos internos e externos contribui para a emergência brutal de objetos do inconsciente arcaico (tal qual descrito por Klein em 1958). Esses objetos encontrariam expressão no superego primitivo e ocupariam a instância superegoica. O efeito terapêutico da análise pressuporia a deposição desses objetos “da posição autoritária do superego, mesmo se este não for substancialmente modificado enquanto uma ameaça interna” (Britton, p. 74). A hipótese do autor é que o superego, enquanto uma instância psíquica, não pode ser modificado; contudo, os objetos internos que lá estão podem perder força. Como ele diz, uma coisa é um país governado por terroristas, outra bem diferente é um país no qual há grupos terroristas, mas que não o governam.

Nesse mesmo trabalho, Britton discorre sobre as dificuldades de os pacientes compartilharem seus espaços mentais com o outro e nomeia de *aderência narcísica* a relação em que há um excesso de presença do paciente no analista. Este último se vê imerso e completamente envolvido no mundo do paciente, que é sentido

---

<sup>4</sup> Tradução livre do autor.

ocupando todo o espaço analítico. Qualquer experiência no estabelecimento de diferenças e de separação torna-se catastrófica. A simples percepção do objeto em sua alteridade e realidade própria, seja ela boa ou má, agradável ou desagradável, feia ou bela, é sentida de modo profundamente perturbador. Isso ocorre, pois, segundo Britton, rompe-se a crença em uma compreensão empática. O resultado, na transferência, é o surgimento intrusivo de um objeto que é indiferente ao sofrimento. Ele obstrui a significação das experiências emocionais e a busca pela verdade acerca do *self*, produzindo incompreensões malignas e enlouquecedoras. Emerge o assim chamado *monstro Caos* – uma personificação criada por Britton a partir da concepção de Bion do *terror sem nome*.

Voltando ao texto de Figueiredo (2009), lembramos que é justamente a dimensão intersubjetiva do superego que o torna mais permeável a modificações e a instância psíquica mais diretamente acessível ao trabalho analítico. Nessa mesma linha, Elizabeth da Rocha Barros (2006, p. 150) sustenta a conduta interpretativa do analista kleiniano na ideia de que este é “parte do espaço interacional, no qual se constitui o psiquismo” e identifica o analista como uma enzima que catalisa mudanças e promove o desenvolvimento psíquico desde dentro.

No próximo item iremos expor os limites e os impasses a essas modificações observadas em um atendimento clínico, bem como a sofrida e ambígua tentativa do paciente de reivindicar as funções de auto-observação e julgamento e destituir o poder do objeto destrutivo superegoico. Acreditamos que ficará evidente a ausência de um objeto compreensivo, representante de um casal parental bom. Em seu lugar, notamos a presença de um superego ao qual o paciente está submetido masoquistamente e a inundação de fantasias canibalistas. O objeto superegoico é representado por diferentes figuras, entre elas a de uma boca voraz que se exprime por meio de uma *vozinha* sorrateira e desqualificante, que independe de tudo e de todos e que está dedicada a rivalizar com o método analítico e a atacar a situação analisante. No item *discussão*, retomaremos as teorias aqui expostas e realizaremos uma articulação entre elas à luz do caso apresentado.

## Relato clínico

### *Da lama ao caos. Do caos à lama?*

*“Posso sair daqui pra me organizar  
Posso sair daqui pra desorganizar  
Da lama ao caos, do caos à lama  
Um homem roubado nunca se engana”.*  
(Chico Science & Nação Zumbi, 1994).

Um rapaz, que chamarei de João, procurou análise nos últimos anos de seu curso de graduação realizado em uma universidade de grande prestígio. O teor concreto e somático de suas queixas, repetido a cada início de sessão, aliava-se à pobreza de sua fala, de sua vida em geral e à dificuldade de se reportar à própria interioridade. Nessa época, João trabalhava e, com o desenrolar da análise, começou a ansiar por um emprego melhor. Com muito custo e com um medo atroz das entrevistas, de não dar conta da mudança e de não conseguir corresponder a novas e desconhecidas exigências – o que, entre outros motivos acabou levando-o a procurar ajuda psiquiátrica – conseguiu ser aceito em um emprego que tinha em alta conta. Não tardou para que o novo emprego se tornasse um espaço opressivo, cheio de exigências desmedidas, com gerentes indiferentes ou preocupados com o rendimento do trabalho e não com a atenção ao trabalhador. Embora ansiasse por deixar o emprego, sentia-se fracassado e incapaz de aguentar um novo processo seletivo.

Nessa época, João teve um rápido e intenso namoro homoerótico, perdendo a virgindade e sentindo uma culpa avassaladora cuja intensidade durou vários anos. No emprego, conheceu a sua primeira namorada e atual esposa. Nos momentos em que a angústia era mais pungente, ou por alguma exigência em relação ao trabalho, ou por ter vivido algum desentendimento com a esposa, temia descarregar nela toda a *verdade*. Apesar de ficar em dúvida sobre a sua sexualidade, a *verdade* não seria o fato de ele ser homossexual. Sempre me pareceu que a sua problemática era muito anterior a qualquer possibilidade de definição sexual. Embora essa experiência fosse um estímulo desagregador permanente, a ameaça de relatá-la à esposa seria uma atuação da certeza de que ele não valia nada e que podia perder tudo a qualquer momento, como a sua integridade psíquica, seu emprego e os seus bens. Esse medo equivalia à impossibilidade de recuperar qualquer coisa e recomeçar a sua vida. Teria que voltar a viver com a família do irmão e com os pais, estes últimos descritos como deprimidos, com um histórico

de dependência química e que viviam à custa dos filhos. Embora estivessem separados há anos, ambos moravam na casa do irmão mais velho de João.

Certa vez, o surpreendente relato de que a mãe estaria melhor e menos deprimida originou o seguinte pensamento: “*É, agora que você está bem, eu é que estou mal, eu é que não melhora*”. Um de seus medos era estragar o bem-estar da mãe e fazer com que ela piorasse voltando a ser como antes. Ao mesmo tempo, parecia pensar: “*E agora? Com quem faria par na desgraça?*” João relatava, assim, uma pressão para que todos ficassem juntos na lama: se um consegue se emancipar, isso não pareceria justo com os demais, não seria um sinal de esperança e sim de abandono e traição. Em diferentes situações, João diz que preferia se privar de algo, como ir a um restaurante melhor, viajar e até aceitar uma promoção, a fim de não se separar daqueles que, para ele, permaneceriam na pior.

Decepções e diferenças vividas no casamento, por mais simples e corriqueiras, provocavam-lhe uma grande vontade de ver sites pornográficos na internet. Nesses momentos João era tomado por uma culpa tão avassaladora que sofria uma espécie de implosão; seu estado de angústia e o medo de descarregar tudo se tornava a única coisa na qual ele conseguia pensar. Sentia-se um destruidor de lares e um assassino em potencial; seria um pervertido e um traidor diante de uma esposa tão amorosa e dedicada. No entanto, ele também dava a entender que ela era capaz de humilhá-lo com afirmações brutais e impacientes sobre qualquer falha em seu cuidado como marido. Constantemente ameaçava deixá-lo. Porém acreditava que não era ela a impaciente ou a intolerante; ele é que não sabia se comportar como um bom marido. A certeza de que ela estaria certa fazia João aceitar silenciosamente a dolorosa humilhação.

Em outros momentos a esposa era descrita como alguém muito ciumenta e dependente, queixando-se e ressentindo-se dos interesses e atividades que João ousara fazer por conta própria, como *yoga*, meditação (com a esperança de se livrar do constante atordoamento mental) e uma pós-graduação. Mas, ao mesmo tempo que se queixava da impaciência e do ciúme da mulher, sentindo vontade de se separar, via-se submetido a uma inevitável relação de dependência e opressão, procurando impedir a emergência de qualquer conflito, bem como de qualquer diferença de pensamento e de comportamento entre eles.

Na análise, João dificilmente podia usar as minhas palavras para elaborar, associar ou obter *insight*; ao contrário, elas reforçavam a imagem catastrófica que ele fazia de si. Se eu dissesse que ele vivia numa guerra, tentando combater e sobreviver à tamanha destruição, na sessão seguinte, com um tom de quem está expondo uma moléstia e usando-a como arma de tortura, dizia: “*Sei que a vida*



*não está tão ruim, mas não consigo enxergar o lado bom; a cobrança interna é muito grande. É uma guerra toda hora comigo mesmo. Não sei o que fazer”.* Essa fala não comunicava uma compreensão sobre si mesmo; ela mantinha os nossos pontos de vista unidos em torno da sua certeza de viver um desastre irreparável.

Além da necessidade de manter comigo uma unidade alucinatória de pensamento, João convivia com uma espécie de voz que narrava de modo incisivo e pejorativo qual seria o verdadeiro teor da minha fala e de minhas intenções. Em contraste com o tom habitual monótono, queixoso e complacente, em certo momento da análise, descrito em um trabalho anterior (Salvitti, 2006), foi possível identificar, inicialmente pelo som, o momento em que a fala desse paciente passou a expressar a violência de alguém mesquinho e uma atitude depreciativa e de rivalidade consigo mesmo e com a análise. De um modo bastante estereotipado, essa voz apontava como ele deveria pensar e ser, comentando criticamente tudo que vinha de mim ou dele. A presença desse objeto tornava-se mais forte sempre que ele tinha uma ideia original, pensava em alguma alternativa para melhorar de vida, ou quando eu dizia algo que ele, sem deixar explícito, apreciava. No entanto, ao longo da análise, e de um modo cada vez mais presente, pude observar o nascimento de uma revolta contra a tirania do superego e de seus julgamentos desmesurados.

Num trágico e angustiante final de semana, conta que visitou uma colega religiosa cuja pancreatite a deixara parálitica. Comenta também sobre a morte, por diabetes, da mãe de outra colega que estava afastada do trabalho por depressão. Conversamos sobre a religiosidade da amiga e de não ter sido salva, por Deus, de uma tragédia; sobre a existência de um Deus castigador, vingativo, que não cuidava de quem mais orou e foi fiel. Refletindo sobre o risco de ele mesmo desenvolver uma diabetes, diz: *“Essa voz que fica controlando tudo o que eu faço, como eu penso, me faz acreditar que não tenho ponderação, discernimento. Eu não vou comer a caixa inteira de bombom; ou, se comer, não vou morrer, mas fico pensando que sim, que eu não tenho controle”.*

A cada sessão, João revelava que se sentia atormentado pela certeza de ser pedófilo, zoofílista, perverso, canibal, ou um assassino em potencial, dependendo do que ouvira no noticiário policial ou da lembrança de alguma experiência inocente. Nessa época, trouxe um sonho que ilustrava a sua incapacidade de abstrair e brincar com imagens e ideias. O sonho, muito simples e direto, mostrava dois comediantes na TV que diziam: *“Nossa! mas não pode nem falar a palavra canibal?”.*

O tema do canibal surgiu em diversas sessões, inclusive de modo indireto

em um pesadelo em que ele vomitava carne processada, tipo mortadela ou salsicha. João diz: *“Eu estava bem oprimido; o tirano aparecia na forma de um bispo bem intolerante. Como castigo eu tinha que ficar isolado. Estava proibido de ver um filme muito horrível. Esses sonhos não me deixam bem; têm sempre medo, perseguição ou uma coisa errada que eu estou fazendo. Em outro momento, eu e a Paula (sua esposa) estávamos tirando foto na Praça da Sé. Íamos até a faculdade, tinha uma criança acompanhando. Entrávamos no prédio da faculdade, estava frio, era domingo e ele estava em reforma. Não podíamos ficar; iam reformar a lanchonete, o auditório. Atrás do prédio havia um cemitério e eu passava na frente de um mausoléu. Começava a vomitar carne processada, meio rosa. Disse à Paula: ‘A gente tem que enfrentar o demônio’. Não sei se isso foi efeito da mudança do remédio, porque parece que fez efeito contrário; tá me deixando louco”*.

Seus movimentos no sentido de fazer uma separação em relação ao assédio superegoico tornavam-se sempre mais difíceis no momento de tirar férias do trabalho. Uma semana antes de viajar e já em casa, diz que tenta, sem sucesso, fazer algo que lhe agrade. Tudo que pensa fazer vem carregado de uma alta pressão no sentido de relaxá-lo e levá-lo a esquecer dos pensamentos. Diz: *“Não consigo. Tem o canibalzinho que vem e fala: ‘Você não pode fazer isso, ou pensa que assim vai parar de pensar em mim?’!”*. Em outra sessão, diz: *“Tá difícil; ficam dois lados brigando dentro de mim; um exigindo e o outro querendo obedecer. ‘Tem que fazer tudo certinho, não pode errar’. Não vou aguentar. Tava tudo calmo no trabalho hoje, aí deu 16h30 e fulano começa a pedir serviço. Disse ao chefe que não podia ficar para além do horário hoje e não perguntei se podia ir embora no horário, simplesmente fui. Ai... não sei o que fazer; o remédio não está dando conta”*.

João havia solicitado uma sessão extra e ficara bastante aflito com a possibilidade de faltar, caso aceitasse mais trabalho no encerramento de seu expediente. Esperava que o remédio resolvesse ou liquidasse o seu duplo dilema de separação, vivido na análise e no emprego. Isto é, a interrupção das sessões por conta das férias deixaria trabalho por fazer, assim como permanecer no trabalho além do horário significaria ficar em falta na análise. João continua: *“O que eu faço nunca parece suficiente. A sensação de insatisfação é sempre presente. Um lado fica cobrando, enchendo o saco, com exigências de perfeição. Tá forte isso, não sei como agir. É insuportável. Não posso nem pensar em viajar no fim de semana que vem a vizinha e diz: ‘Ah, mas você não ficou em casa limpando;’ ‘Você viu pornografia, não pode viajar.’ Não adianta discutir, não adianta pensar algo como: ‘É rapidinho; vou e volto’”*.

Disse a João que sair do expediente com trabalho ainda por fazer não se trata apenas de uma falta grave ou uma transgressão, é também um abandono; é largar o outro na mão e sozinho, provocando ira, chantagem, punição. Ao mesmo tempo, o outro é um objeto absolutamente indiferente aos seus esforços e necessidades. Penso que a casa que não será limpa se ele viajar é como um bebê que precisa ser trocado imediatamente, que não pode ficar sozinho e é tão exigente e indiferente à mãe quanto essa mãe parece ser em relação ao bebê. Apesar da pressão para permanecer disponível e submisso, João diz num rompante de raiva: “*Que se foda! O meu lado, ninguém vê*”. Em outra oportunidade de viajar, diz: “*Ficam pensamentos persistentes sobre o que li a respeito do canibal. Para que eu vou para a praia? Para ficar atordoado assim? Eu grudei nesses pensamentos e eles não querem soltar. Será que é para ficar torturando? Se eu paro, vem algo assim: ‘Ah, você parou de pensar!’*”.

Nessas situações, dizia a João que não parecia justo tamanha indiferença e crueldade e que ele ficava abandonado à própria sorte. A tentativa era de lhe transmitir minha compreensão sobre o seu estado, processando os sentimentos e sonhos que surgiam na análise de forma bruta. No entanto, no horizonte dessas intervenções, era sempre a alternância entre o sadismo e a submissão que ameaçava sobrevir.

Numa ocasião em que eu precisei desmarcar uma sessão, lhe falo algo sobre o que ele devia ter *sentido* com a ausência da análise. João me corrige em relação ao que estaria se passando com ele, referindo-se ao que a voz *pensou*. Ele diz: “*É, é como se você fosse me abandonar e se, ao faltar, você pensasse como a voz: ‘Vou começar a pisar na bola com ele para ver se ele se enche e vai embora’.* Mas será que eu sinto a falta ou eu fico pensando? A voz pensa: ‘Acho que ela está fazendo isso para que eu desista’. Sei que não é verdade, mas fico imaginando. Tenho medo de você não poder atender mais”.

Ainda que ele não pudesse sentir os seus sentimentos como seus (a voz é que sabe e pensa por ele), a conversa possibilitou a João fazer discriminações bastante precisas e tocantes acerca do que se passava com ele, dando margem para falarmos sobre questões perturbadoras, como a impermanência da vida, a finitude, o imprevisto e o inevitável vai e vem das pessoas.

Em outros momentos, João me fazia pensar sobre a ambiguidade de sua capacidade crítica, ora parecendo estar se contrapondo a uma situação da qual ele discordava, ora parecendo que as suas críticas eram uma expressão dessa voz impessoal e implacável que surgia quando falhava a compreensão empática (Britton, 2003, 2004). Ao comentar sobre o seu curso de pós-graduação, diz de um modo irônico-sem-parecer-irônico que *controler* é o novo nome para a função

de diretor ou gerente e que a expectativa dos professores é que todos se tornem líderes. Diz que o professor aplica em sala de aula o ambiente competitivo e exigente de uma empresa, o que João considera um exagero, que ali eles são apenas alunos. Preferia estar em um ambiente mais voltado ao aprendizado e não à cobrança. No entanto, também parecia concordar com as atitudes e expectativas do professor *pró-ativo*, apesar de se sentir ferido e desconsiderado em sua humanidade. Numa conversa imaginária com o professor, diz: “*Ah, mas você não entende?! Eu não quero ser assim do jeito que você quer; não quero fazer o exercício com pressa*”.

Há uma ambiguidade em sua fala que é difícil de ser colocada em palavras. Ela ora parece expressar a esperança de ter a benevolência de uma figura impiedosa, ora mostrar oposição a essa submissão e a expectativa de que ele seja respeitado em sua singularidade.

## Discussão

Verificamos no caso apresentado fenômenos como a estereotipia de ideias; a inundação, na análise, de matéria psíquica em estado bruto; ataques ao objeto; a precariedade do trabalho de simbolização. Seguindo as ideias de Roussillon (2004, 2011), diríamos que a relação analítica é palco de um trauma primário, vivido por meio da reedição de agonias primitivas, como o pavor e a ameaça de aniquilamento, e suas defesas, como a cisão e a identificação projetiva. Fica, assim, inviabilizada a elaboração das experiências de perda e separação, bem como a elaboração dos excessos pulsionais, da alteridade do objeto e de sua presença intrusiva. Este objeto se encontra indisponível para o trabalho de luto e é incapaz de ajudar o paciente a simbolizar a sua condição, seja de ausência ou de presença.

Ao invés de exercer funções que modulem a excitação, o objeto primário é absolutamente indiferente ao sofrimento do sujeito, bem como invasivo e voraz. As falhas na função simbólica e a apropriação das funções do ego pelo superego sádico são ilustradas pela *vozinha*. Trata-se de um objeto propagador de ideias prontas e alienantes, tal qual carne processada. Essa imagem trazida pelo sonho de João me fez lembrar uma antiga propaganda de TV, cujo slogan dizia: *Danoninho! Aquele que vale por um bifinho*. Há um elemento bastante perverso nessa frase, ao transformar um alimento totalmente artificial em um bom filé.

A ausência de uma função objetual que proporcione a simbolização de fantasias primitivas e as experiências com o próprio objeto tornava ainda mais aterrorizante as histórias que João ouvia ou lia. Em um de seus sonhos, estava

impedido de ver um filme de terror. Lembrar ou pensar em canibalismo é viver o horror de ser o próprio canibal. No entanto, era essa devoração sádica que ele encenava de modo alternante e repetitivo em seus relacionamentos e na análise. João tanto se oferecia ao outro em sacrifício, a fim de ser humilhado e banido de seus relacionamentos, quanto os atacava por meio de uma boca voraz, cuja *vozinha* crítica não poupava a nada e a ninguém. Em certa altura da análise, tudo que ele ouvia de mim se tornava ou prescritivo ou objeto de menosprezo.

No que diz respeito às fantasias e alucinações canibalistas do melancólico, encontramos nas afirmações de Fédida (1999) alguns esclarecimentos sobre a ambivalência do ato de destruir e conservar o objeto primário:

[...] a melancolia é menos a reação regressiva à perda do objeto do que a capacidade fantasmática (ou alucinatória) de *mantê-lo vivo como objeto perdido*. A ambivalência do canibalismo pode ser esclarecida se dissermos correlativamente que a angústia melancólica é canibal e que ela diz respeito, nesse sentido, à dependência do eu à ameaça de perda de seu objeto. [...] é a satisfação-imaginária da angústia alimentando-se do objeto perdido – objeto cuja “perda” foi de algum modo necessária para que ele permanecesse vivo e presente em sua realidade primitiva alucinatoriamente conservada (*Ibid.*, p. 67, grifos do autor).

A busca por um objeto total, que propiciasse a João uma relação mais de acordo com a realidade, encontrava-se substituída pela excitação, submissão e humilhação ligadas a um objeto alucinatório, sempre presente, nunca faltante. A existência da voz que o assediava com certezas acerca de si e da intenção dos outros, distorcendo qualquer compreensão diferente da esperada, representa o paradoxo desse objeto. Ao mesmo tempo que a sua onipresença evita a formação de um pensamento próprio e diferente do que o outro pode vir a pensar, ao mesmo tempo que evita a emergência de sentimentos de perda e a perturbação de uma ordem psíquica mantida precariamente, esse objeto ameaça, igualmente, a integridade do eu e força a submissão de João.

A fim de explorar um pouco mais as características desse objeto e de suas certezas alucinatórias, a *vozinha* também pode ser compreendida a partir da concepção de Bion (1965) de transformação em alucinação. Essa concepção nos permite configurar a natureza primitiva e não representada da rivalidade do paciente com a análise. A descrição de Bion das manifestações clínicas da alucinação é muito próxima das experiências vividas com João. Bion diz:

O quadro geral apresentado pelo paciente é de uma pessoa ansiosa para demonstrar a sua independência de qualquer outra coisa que não seja uma criação sua. Essas criações resultam de uma suposta habilidade para usar seus sentidos como órgãos de evacuação, capazes de circundá-lo com um universo que foi gerado por ele próprio [...]. Graças à capacidade do paciente de satisfazer todas as suas necessidades a partir de suas próprias criações, ele é inteiramente independente de qualquer pessoa ou de qualquer coisa [...] e, portanto, encontra-se além da rivalidade, inveja, voracidade, maldade, amor ou ódio<sup>5</sup> [...]. (Bion, 1965, p. 137).

Diante da dor psíquica, do imponderável e dos aspectos desconhecidos e incontroláveis do objeto, João cria sobre os fatos uma verdade que gira em torno de sentimentos não representados e não reconhecidos de vingança, rivalidade e inveja. Fica tomado pela verdade incontestável de afirmações que entram na sua cabeça para atormentá-lo, assim como experimenta a realidade psíquica tal qual a realidade material; aquela se torna mais *real* que a própria realidade quando objetivamente considerada.

A certeza de que ele seria expulso de casa ou da análise e humilhado como resultado de qualquer diferença se coadunava à emergência de um objeto cruel e sádico. Da mesma forma, a quebra de expectativa e a diferença de opinião entre ele e a esposa acabavam sendo vividas como uma experiência catastrófica. Acreditamos que nessas situações João experimentava qualquer diferença como intrusão de uma objetividade cortante, que feria a crença inconsciente em uma compreensão empática e indiferenciada com o objeto. Em seu lugar emerge o objeto da incompreensão maligna, conforme termo de Britton (2003). Muito antes de haver a representação da ausência enquanto tal, isto é, de se representar a falta e a falha de um objeto que é independente e separado do eu, temos uma presença aterrorizante, que se desdobra no discurso melancólico em frases como “*Você não serve para nada*”. A falta e a falha do objeto é, assim, preenchida por certezas alucinatórias, alienantes e estereotipadas.

Para Britton (*Ibid.*), a necessidade vital de simetria e a certeza do paciente de obter do analista uma compreensão empática, com a ausência de diferenças e estranhamentos, estaria ameaçada não só pela decepção com um objeto que falha. A maior ameaça seria o terror de se deparar com uma dimensão incontrolável e desconhecida de si e do outro. O assim chamado *monstro Caos* é uma imagem encontrada pelo autor em mitos antigos para personificar a emergência desse

---

<sup>5</sup> Tradução livre do autor.

objeto, bem como a experiência de terror sem nome, de caos, de escuridão, de ausência de forma e de vazio. Britton não poderia ser mais preciso em sua descrição acerca do desastre psíquico característico desses pacientes e de seu empenho em evitar o surgimento do objeto da incompreensão maligna.

Nas análises em que a necessidade de concordância é sentida como absoluta e suprema, ela só pode ser alcançada pela obediência ou tirania; aí o que se exige é a submissão e não compreensão. Isso é alcançado pelo paciente ou submetendo-se de modo servil, ou controlando tiranicamente (Britton, 2003, p. 90).

Se eu digo a João que sobre nós triunfa a certeza de que não valem a pena, que o nosso trabalho deve ser desmerecido, e se ele me escuta nisso, se valoriza o sentido das minhas palavras, então quem perde é ele, quem triunfa sou eu e eu é que passo a ter valor. Há um jogo de poder permanente sobre quem está por cima e quem está por baixo. Tanto a servidão quanto a tirania ocorriam alternativamente, e consideramos que a sua melancolia e o seu masoquismo estariam a serviço de suas defesas narcísicas. Isto é, a submissão a uma força maior e humilhante mantém seu precário equilíbrio narcísico. Obter concordância seria preferível a ter que experimentar a diferença e a separação entre as nossas mentes.

Para Roussillon (2011), algumas formas de masoquismo representariam, ao menos, a ligação com um objeto – ainda que inadequado e alienante. Esse objeto se destinaria a evitar a agonia primitiva e, no entender de Britton (2003), a emergência do monstro Caos. O recurso à pornografia homo ou heterossexual, após as brigas com a esposa, deixava João ao mesmo tempo excitado e profundamente humilhado por ser tão diferente e não ter a beleza, ou atingir o prazer que observava nos filmes. Pensamos que as suas fantasias sexuais e o recurso à pornografia seriam uma maneira de ele se acalmar e de se proteger do objeto intrusivo da incompreensão maligna, ainda que, por meio desse recurso, ele acabasse reencontrando esse mesmo objeto por meio de suas autorrecriações melancólicas, reacendendo uma sensação de exclusão e impotência.

Roussillon (2011) aponta que o masoquismo seria uma maneira de o paciente encenar, agora de modo ativo e controlado, o que um dia, diante da experiência de agonia, foi vivido com passividade. Assim, “a mente e o ego agem como se fossem os agentes daquilo a que, na verdade, estão submetidos”. (*Ibid.*, p. 19). Ao invés de reencontrar a impotência e o desamparo diante de um objeto que é falho,

indiferente ou opressor, “[o] indivíduo prefere se sentir culpado, e, portanto, responsável, ativo e no controle [...]” (*Ibid.*, p. 20).

No entanto, consideramos que as estratégias encontradas por João para lidar com essas experiências primitivas também puderam coexistir com uma capacidade de fazer apreciações e julgamentos apoiados em dados de realidade sobre si e sobre os outros. Notamos, assim, a emergência de algum movimento no sentido de reivindicar do superego as funções de julgamento e auto-observação, bem como de destituir o poder dos objetos destrutivos superegoicos. Isso pode ser ilustrado por suas apreciações críticas à opressão e à presença enlouquecedora e alienante da voz; de querer aprender com o professor ao invés de sofrer nas mãos de um tirano; de levar em conta o fato de que não vai agir de modo desenfreado ao comer bombons; pela necessidade de ele e a esposa enfrentarem o demônio no sonho sobre o bispo intolerante, o mausoléu e a carne processada.

A carne processada parece ser uma imagem bastante rica e complexa, que contempla diferentes nuances dessa situação. É uma expressão de seu canibalismo, assim como representa um alimento sem nutrientes que acaba sendo vomitado. Ilustra a incorporação e a destruição do objeto; nesse sentido ele não estaria apenas despedaçado, gerando angústias de perda e de aniquilamento, conforme Fédida (1999). O objeto é desvalorizado em sua capacidade de alimentar; é atacado de modo invejoso deixando de ter valor nutritivo e sendo expulso por meio do vômito. Além disso, esse gesto parece ser uma tentativa de João para se livrar dos objetos malignos e contrários à vida. Considerando que, no sonho, a lanchonete estava em reformas, pensamos se também não estaríamos diante da necessidade emergente de João ter no objeto um bom alimento para a sua alma.

Ao mesmo tempo que sair da lama e do controle do superego primitivo parecia impossível, por despertar o medo do monstro Caos e de agonias primitivas, parece haver algum movimento no sentido de romper o círculo vicioso da melancolia e do masoquismo.

Para finalizar, faremos alguns breves apontamentos sobre as dificuldades contratransferenciais trazidas por pacientes como João. A maneira como o pensamento é usado a serviço do superego sádico, o êxito das identificações projetivas e o sadismo da autocondenação do paciente podem levar o analista a se sentir sem esperança e esvaziado. Seu espaço mental e a sua liberdade de observação podem ficar obstruídas, seja por um excesso de presença do paciente em sua mente, seja pela tentativa de o analista suturar com teorias explicativas e estereotipadas as ansiedades superegoicas despertadas no atendimento. Isso nos remete aos trabalhos de Pick (1988) e O’Shaughnessy (1999) sobre o direcionamento da identificação projetiva do paciente para dentro do superego



arcaico do analista e sobre o quanto pode ser recorrente o risco de *enactment* diante do constante e intenso sofrimento do paciente e da concretude de suas comunicações.

A dimensão sensorial da linguagem de João, combinada ao clima emocional denso e penoso, estimulavam em mim sensações igualmente concretas. Além de me sentir impaciente e impotente, houve momentos em que tive vontade de chacoalhá-lo e forçá-lo para fora desse estado, mostrar-lhe o exagero de suas afirmações, protegê-lo de suas autorrecriações e salvar alguma percepção sua, corente e lúcida, da incerteza e da culpa avassaladora que dele se apoderavam ao perceber o que percebeu ou pensar o que pensou.

O analista se depara com e tem a experiência de ser um objeto que não pode processar ou assimilar simbolicamente as experiências disruptivas, mas não só. A partir das concepções de Bion (1965) sobre a necessidade de o analista se despir de desejo, memória e entendimentos prévios para melhor estar com o paciente, consideramos que há também na análise a atualização de um objeto que é incapaz de sustentar a ausência de sentido, a infinitude, a incompletude do sentido e a alteridade radical. Deixaremos, assim, apenas indicada a ideia de que essa também parece ser uma atitude significativa do analista no trabalho com esses pacientes. □

## Abstract

### **Between masochism and melancholy: under the rule of the incorporated sadistic superego**

Through the background of the traumatic experience with the primary object and of the narcissistic disturbances of the sense of identity (Roussillon, 2011), this paper discusses theoretical and clinical aspects of the flaws in the constitution of intersubjective functions and the presence of a primitive and sadistic superego. It focuses on anxiety of loss and destruction of the object through cannibalistic fantasies (Fédida, 1999) and on the masochistic submission to the primitive superego. This paper shows how the awakening of emotions related to the primary object generates intense and non represented hatred of the link with it (Bion, 1959). It also discusses the presence of rivalry over the analytical method (Bion, 1965) and the imposition of agreements designed to prevent the emergence of malignant misunderstandings and experiences of chaos (Britton, 2003, 2004). Finally, it illustrates some attempts, albeit limited, at emancipation from the superego's tyranny and on the deposition of its destructive aspects.

Keywords: primitive superego, narcissism, malignant misunderstanding, masochism, cannibalistic fantasies.

## Resumen

### **Entre el masoquismo y la melancolía: bajo el dominio del superyó sádico incorporado**

El artículo discute, desde una perspectiva teórica y clínica, las fallas en la constitución de las funciones intersubjetivas y la presencia del superyó primitivo sádico, teniendo como base la dimensión traumática de la experiencia con el objeto primario y los trastornos narcisistas de la identidad (Roussillon, 2011). Enfoca la angustia de la pérdida y destrucción del objeto por intermedio de fantasías caníbales (Fédida, 1999) y la sumisión masoquista al superyó primitivo; muestra como el despertar de las emociones en relación al objeto primario genera un odio intenso y no representado, dirigido a la conexión con este objeto (Bion, 1959); discute la rivalidad en relación al método analítico (Bion, 1965), así como la instauración de concordancias destinadas a evitar el surgimiento de incomprendiones malignas y la experiencia del caos (Britton, 2003; 2004). Finalmente, el artículo muestra cómo ocurren los intentos, aunque limitados, del sujeto emanciparse de la tiranía del superyó y destituir el poder de sus aspectos destructivos.

Palabras clave: superyó primitivo, narcisismo, incompreensión maligna, masoquismo, fantasías caníbales.

## Referências

- Barros, E. L. R. (2006). Quem tem medo de Melanie Klein? Ou continuidade e ruptura. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 13(1), 145-158.
- Bion, W. (1958). On arrogance. In W. Bion. *Second thoughts*. London: Karnac, 1993. p. 86-92.
- \_\_\_\_\_. (1959). Attacks on linking. In W. Bion. *Second thoughts*. London: Karnac, 1993. p. 93-109.
- \_\_\_\_\_. (1962a). A theory of thinking. In W. Bion. *Second thoughts*. London: Karnac, 1993. p. 110-119.
- \_\_\_\_\_. (1962b). *Learning from experience*. London: Karnac, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1965). *Transformations*. London: Karnac, 1989.
- Britton, R. (2003). *Crença e imaginação*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (2004). *Sex, death and the superego*. London: Karnac.

Chico Science & Nação Zumbi. (1994). Da lama ao caos. In *Da lama ao caos* (álbum). Sony Music. CD. 5 min.

Fédida, P. (1999). O canibal melancólico. In *Depressão*. São Paulo: Escuta.

Figueiredo, L. C. (2009). Intersubjetividade e mundo interno: o lugar do campo superegoico na teoria e na clínica. In L. C. Figueiredo. *As diversas faces do cuidar*. São Paulo: Escuta.

Klein, M. (1958). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 270-279.

O'Shaughnessy, E. (1999). Relating to the superego. *Int. J. Psycho-anal.*80, 861-870.

Pick, I. B. (1988). Working through in the counter-transference. In E. B. Spillius. (ed.). *Melanie Klein today*, 2. London: Routledge.

Roussillon, R. (1991). *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos.

\_\_\_\_\_. (2004). Agonia e desespero na transferência paradoxal. *Revista de Psicanálise da SPPA*, II(1), 13-33.

\_\_\_\_\_. (2009). A associatividade e as linguagens não verbais. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 16, (1), 143-165.

\_\_\_\_\_. (2011). *Primitive agony and symbolization*. London: Karnac.

Salvitti, A. (2006). Sobre cesuras e tolerância de paradoxos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 40(3), 112-123.

Searles, H. (1962). The differentiation between concrete and metaphorical thinking in the recovering schizophrenic patient. In *Collected papers of schizophrenia and related subjects*. London: Karnac, 2005.

Recebido em 09/12/2012

Aceito em 17/04/2013

Revisão Técnica de **Lúcia Thaler**

**Adriana Salvitti**

Rua Prof. Pedro da Cunha, 65/52 – Perdizes

05010-020 – São Paulo – SP – Brasil

e-mail: adrianasalvitti@gmail.com

© *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*